

RODRIGUES, Ramiro. **Imediações e mediações das teatralidades originárias: um ensaio**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA; Mestrado; Ariane Porto Costa Rimoli. Antropólogo e curta-metragista.

RESUMO

O temor da apropriação cultural impõe barreiras que, neste ensaio, são refletidas através dos diferentes registros que podem existir de uma manifestação popular.

Palavras-chave: Registro Teatral. Patrimônio Imaterial. Teatralidades Originárias.

ABSTRACT

The fear of cultural appropriation may impose barriers that, in this essay, are thought based on the many filmed registers that may exist on any popular manifestations.

Keywords: *Filmed Play. Intangible Patrimony. Original Theatricalities.*

Imediações: como nós, aqui de Campinas, podemos nos aproximar da manifestação popular de um lugar distante como Paucartambo sem apropriação cultural?

Uma das respostas pode se dar pelos registros desse tipo de manifestação, que seriam suas diferentes mediações, as quais, em minha pesquisa sobre registros teatrais, dividi em três vertentes:

- Registros dos grupos de mídia: Espetacularizantes, dos conglomerados de mídia, visando o turismo, como por exemplo, pela mídia local peruana durante a *Fiesta de la Mamacha Carmen*.
- Registros visando o patrimônio imaterial da manifestação, que seguem determinações, no Brasil, delimitadas pelo IPHAN.
- Registros de processo, com a manifestação ou a partir dela, onde há pessoalidade e afetividade.

Na disciplina em que trabalhamos com as máscaras de Paucartambo, ministrada pela prof^a. Vilma dos Campos Leite no primeiro semestre de 2017, vimos diversos registros da primeira e da terceira categoria, alguns realizados pela própria professora, que começou a se perguntar pela maneira mais apropriada de registro, como, por exemplo, um registro etnográfico, ao passo que diversas sociedades indígenas produzem seus próprios materiais de registro, naquilo que é chamado como Cinema Indígena nacional.

Da mesma maneira, ao nos colocar em contato com as máscaras tradicionais, a prof^a. Vilma indicou que muitos nativos não aprovariam a maneira como iríamos manipular a máscara. Entretanto, estariam de fato esses procedimentos comprometendo a vivência dessa cultura? Como estabelecer a troca sem apropriar-se? A própria Vilma nos trouxe o conceito de etnopoética, na qual estaríamos elaborando um procedimento poético perante uma cultura, e não se utilizando dela para outros fins. A troca cultural pressupõe uma contaminação de ambas as partes perante o Outro: se vivemos uma cultura, é

impossível sairmos dela sem nos afetarmos. Nesse sentido, para além das ações demarcativas que o Estado opera em sociedades tradicionais, é preciso refletir também na ética pessoal perante diferentes culturas. É lícito entrar em contato com uma cultura, através de seus objetos? Como manipulamos esses objetos?

O papel do registro é tangenciar o acontecimento, e como o registro é o objeto de estudo, ele pode ser utilizado como um abalizador possível dessa intermediação entre as mediações e imediações da cultura popular. E os registros que criamos, em sala, a partir de nossa postura ética perante as máscaras demonstra que a distância não configura por si só uma apropriação, dado que a mídia local, nos registros que presenciamos, de fato articulava aquele patrimônio cultural para interesses lucrativos. E a resposta para essa pergunta pode se dar pelo meu próprio contato com as máscaras, particularmente, a máscara do Auqa Chileno, que representa o arquétipo de um não-nativo. Contato este que me faz acreditar na cultura como um todo, fé que registrei em meu diário de campo:

“As máscaras se conhecem. Agigantam os corpos. Colocam você onde você deve estar. As sugestões corporais, se erradas, caem por terra. Achei que o Auqa Chileno fosse um espanhol corrupto, o qual associei com meus ancestrais colonizadores, católicos. Um oficial sem respeito pelos nativos. Mas este preconceito 'reverso' acabou sendo descartado pelo próprio poder da máscara sobre mim, e das máscaras sob a minha máscara. Essa figura de fora, de quando apenas julgamos a máscara sem vivê-la, ao colocá-la, oxigena e cria movimento. O Auqa Chileno não era meramente um fascista, mas algo muito mais humano que isso. Ele era um estrangeiro, um isolado em outra cultura. E achei incrível como a máscara produziu uma perspectiva tão humana sobre o Outro colonizador, que pude sentir todo meu colonialismo se humanizar. Sendo o Auqa Chileno, deixei de ser um explorador e me tornei um ser humano, através da cultura nativa... Pois somente um ser humano pode humanizar o Outro e ser humanizado por uma vida.”

Pensando de uma maneira inspirada por Gilles Deleuze: toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais, não existindo objeto puramente atual: “uma percepção atual rodeia-se de uma nebulosidade de imagens virtuais que se distribuem sobre circuitos moventes cada vez mais distantes, cada vez mais amplos, que se fazem e se desfazem” (1996, pg. 47).

Os laços desses circuitos moventes podem ser considerados as relações de troca interculturais, assim como um dispositivo de atualização pode ser tanto a máscara confeccionada quanto um registro audiovisual. As relações se cristalizam nos objetos que tocamos e sentimos, com a face ou os olhos.

Por fim, os registros de processo de vivência com as máscaras e os registros que visam o patrimônio imaterial podem sofrer analogias com diferentes metodologias de pesquisadores, sendo a cartografia em relação ao primeiro e a etnografia em relação ao segundo.

Nessa comparação, ambas as técnicas de pesquisa ganham, por possibilitarem a demonstração dos seus processos de aproximação com o Outro através de uma vivência corporal ou participante da qual tanto pesquisador quanto pesquisados podem ser afetados positivamente, pois a maior dúvida que nos fica em relação aos registros é essa: é possível testemunho sem presença.

Referências bibliográficas

ALLIEZ, Éric. Deleuze filosofia virtual. São Paulo, SP: Editora 34, 1996.